

Xingamentos: entre a ofensa e a erótica

Valeska Zanello (IESB)

Xingamento; Erotismo; Subjetividade

ST 33 - Subjetividade, gênero e sexualidade.

Xingamento, segundo o Houaiss (2001), é o “ato ou efeito de xingar” (p. 2897), sendo xingar considerado como o “agredir por meio de palavras insultuosas, injuriosas; ofender; descompor; destratar; afrontar” (p. 2897). A palavra teve, em nosso idioma, origem no grupo africano da etnia dos bantos. Podemos perceber no cerne da sua definição, dois elementos importantes: a) de um lado, o xingar deve ser considerado como ato; b) este ato tem a intenção (de seu autor) de ofender, machucar outra pessoa.

O primeiro elemento aponta para a necessidade de qualificarmos o xingar como ato de fala que produz efeitos. Isto é, contando com a contribuição da filosofia da linguagem ordinária, sobretudo de Austin (1990), podemos afirmar que o xingar é um proferimento de determinadas palavras que, quando proferidas (e atendendo a certos pré-requisitos), realiza um ato. No caso, o xingamento e a ofensa do ouvinte.

O segundo elemento coloca em cheque a violência operada por este proferimento que visa machucar o outro, violentá-lo. O que emerge, então, como questão é: quais são os termos tomados no ato de xingar como potencialmente ofensivos?

Partindo dessa pergunta, elaboramos um questionário, a fim de levantarmos respostas suficientes que nos instrumentassem a responder a esta questão. Esses questionários foram aplicados em faixas etárias e classes sociais diversas. No entanto, e para o fim deste artigo, dois dados nos interessam: mais de 65% das respostas em geral apontaram para os xingamentos acerca do comportamento sexual como aqueles considerados piores. Quando relacionados aos homens, esses xingamentos têm caráter sexual passivo, tais como “boiola”, “viadinho”, “corno”, etc. Já quando relacionados às mulheres, os xingamentos têm caráter sexual ativo, tais como “puta”, “prostituta”, “piriguete”, “piranha”, “galinha”, etc. Outro dado, seria a presença de traços de caráter relacionais atribuídos implicitamente às mulheres nos xingamentos, tais como: “fria”, “egoísta”, “má mãe”; em detrimento dos traços de caráter de diferenciação/autoinvestimento atribuídos aos homens, tais como “vagabundo”, “preguiçoso”, etc.

Ora, quanto ao primeiro dado, mesmo em faixas etárias bem distintas, a prevalência dele se mostrou constante. Essas respostas apontam para um problema interessante acerca da constituição de nosso modo de ser, pensar e agir. Apesar da aparente liberdade sexual apregoada no Brasil, os

xingamentos nos levam a repensar a efetividade dessa liberdade, mostrando a incoerência entre a aparência dos fatos e as formas mais sutis de controle e reprodução dos valores da sociedade patriarcal.

O xingamento mostra, justamente por ser ofensivo, o lugar que não deve ocupar e nem se constituir subjetivamente a mulher: a atividade em relação à sua sexualidade. Daí que o “natural” seja que a mulher seja recatada, pudica: “A mulher ‘tal como deve ser’, principalmente a jovem, casadoura, deve mostrar comedimentos nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência” (PERROT, 2003: 15). Segundo Perrot (2003), da mesma maneira que o corpo da mulher deve ser silenciado, seu desejo também deve sê-lo.

Já no universo masculino, não é apenas desejável, mas torna-se quase uma obrigação que a prova da virilidade venha pela afirmação aberta de sua sexualidade e de seu desejo. Daí que a “essência” masculina apregoada em nossa cultura seja o homem forte, másculo, que sabe o que quer. É melhor, neste sentido, ser “galinha”, do que ser “boiola”, “viadinho”, ou qualquer outro papel que aponte para uma proximidade com aquela “outra” que é seu duplo inferior: submissa e arrogada aos preceitos de seu desejo. Para um homem, nesse sentido, o xingamento considerado mais ofensivo é aquele que aponta para uma proximidade, ou qualquer experiência que possa aproximá-lo, de ser uma simples “mulherzinha”.

Quanto aos traços de caráter presentes nos xingamentos, podemos perceber pela oposição, o lugar prescrito para a dita “essências” feminina e masculina. Os valores atribuídos às mulheres como lhe sendo “naturalmente” próprios são os do cuidado do outro. Ou, nas palavras de Bordo (1997):

Por um lado, nossa cultura ainda apregoa amplamente concepções domésticas da feminilidade, amarras ideológicas para uma divisão sexual de trabalho rigorosamente dualista, com a mulher como principal nutridora emocional e física. As regras dessa construção de feminidade exigem que as mulheres aprendam como alimentar outras pessoas, não a si próprias, e que considerem como voraz e excessivo qualquer desejo de auto-alimentação e cuidado consigo mesmas. Assim, exige-se das mulheres que desenvolvam uma economia emocional totalmente voltada para os outros (p. 25).

Destaca-se, nesse sentido, que aqueles considerados como piores xingamentos, pelas próprias mulheres adultas [1], a elas mesmas, em nossa pesquisa, firam este caráter relacional. Para os homens da mesma faixa etária, este aspecto apareceu como terceiro fator, perdendo apenas para os atributos físicos. Como nos diz Perrot (2003: 21), “assim se opera uma construção sociocultural da feminilidade [...] feita de contenção e discrição, doçura, passividade, submissão (sempre dizer sim, jamais não), pudor silêncio. Eis as virtudes cardeais da mulher”. Trata-se, muitas vezes, da transformação e da constituição da “mulher função” (ZANELLO, 2007).

Já nos homens, os valores seriam de individualização, autonomia, singularidade (Bordo, 1997), mas também de desempenho, produtividade, sucesso profissional e financeiro como equivalentes do sucesso desse processo de individualização (ou seja, um homem é bem sucedido se ele é esforçado para produzir e acumular, e é reconhecido por isso). Daí que os piores xingamentos, para os adultos, firam estes aspectos. Na atribuição feita pelos homens para eles próprios, este fator apareceu em segundo lugar, com uma diferença pequena da incidência dos xingamentos com caráter sexual. Isto sugere o quanto o controle da sexualidade feminina é muito mais efetivo.

O xingamento, como vimos, é dessa maneira um sintoma da sociedade na qual ele aparece (no nosso caso, patriarcado capitalista), e mostra, justamente pelo caráter de ofensa que ele contém, as regras e valores apregoados por essa sociedade. Além disso, o xingar é ato de fala que não apenas repete esse valores, mas os reafirma. Em outras palavras, independentemente da consciência do falante ao proferi-los, os xingamentos veiculam uma prática baseada nos valores atribuídos aos diferentes gêneros. Aqui, juntamente com Susan Bordo (1997), podemos afirmar que a prática vem antes da crença.

Um outro fator importante diz respeito ao termo utilizado no ato de xingar. Segundo Arango (1991), toda cultura preservou tabus, que permaneceram, sobretudo, na presença da interdição de certas palavras. Esses termos são os palavrões. Neles, o que importa nem é tanto o referente denotado, mas o sentido da palavra¹. Para Arango, essas são as palavras-tabu de nosso mundo civilizado. Grande parte dos xingamentos se utilizam dos palavrões como termos privilegiados no ato de xingar. Podemos apontar um exemplo da diferença entre a referência e o significado do termo no seguinte caso: uma mulher recebe uma cortada de outra mulher no trânsito e a xinga de “Sua puta!”. Se ela xingasse de “Sua mulher que vende o corpo!” ou “Sua mulher que dá por dinheiro!”, o efeito seria o mesmo? Acreditamos que não. Tanto o efeito catártico de quem proferiu o xingamento quanto o efeito perlocucionário de quem o recebeu, seriam bem diferentes. O termo “puta” aqui se faz essencial. E ele, assim como vários outros, apesar de passarem quase despercebidos no nosso cotidiano são, como nos disse Freud acerca do sintoma, príncipes de ópera disfarçados de mendigo. Para Arango, os palavrões e, podemos afirmar, os seus primos (os xingamentos), apontam para experiências infantis, constitutivas de nossa subjetividade.

Quanto mais obsceno um xingamento, mais ofensivo, pois, como apontamos, apesar da diferenças entre as faixas etárias, no quesito “pior xingamento”, os sexuais estão presentes no primeiro lugar do *rank*. Um xingamento obsceno é aquele que viola as regras da cena social. Segundo Arango (1978), “as palavras possuem, muitas vezes, um poder alucinatório. Provocam a representação do órgão ou da cena sexual da forma mais clara e fiel. Suscitam, também, fortes sentimentos libidinosos” (p. 15). Da mesma maneira que os sonhos e os sintomas, os xingamentos

constituem uma caminho privilegiado para o inconsciente: “são obscenos porque revelam, verdadeiramente, a vida sexual que não deve ser mostrada em público” (p. 21).

Os xingamentos são, portanto, uma ponte entre os costumes sociais e a constituição dos sujeitos. Trata-se, como nos aponta Foucault, da necessidade de uma análise adequada para descrever uma forma de poder (no nosso caso, patriarcal) cujos mecanismos centrais não são mais apenas repressivos, mas constitutivos. Os xingamentos apontam assim para o modo de organização de uma sociedade, mostrando uma forma de regramento libidinal (e a microfísica do poder que a executa e a assegura) que constrói o que pode ser desejado e de que maneira. Produz e reproduz espaços sociais e de disposição subjetiva em relação ao desejo. No entanto, seguindo o caminho aberto por Freud (1905), podemos afirmar que onde há interdição, há desejo. E é, sobretudo, na vida sexual, privada, íntima, que essa interdição é transgredida, ainda que apenas no plano do imaginário (STOLLER, 1988). Trata-se de levar a sério a idéia freudiana de que toda neurose tem um negativo perverso. A palavra perversão deve ser aqui compreendida não como desvio, mas como nos aponta Stoller (1988), como o sentimento de transgressão e o prazer por se estar “pecando”.

Como se sabe, uma das palavras mais digitadas na internet, é “sexo”. A partir de um levantamento realizado nos sites da web, com um grupo de alunos, verificamos nos contos eróticos um dado importante para o tema desse artigo: a incidência constante da maior parte dos xingamentos sexuais, considerados ofensivos na esfera pública, possuindo agora uma caráter erótico, excitante, na esfera privada

Nas mulheres, como vimos, os xingamentos prescrevem (pela oposição, controle), na esfera pública, a passividade em relação à sua sexualidade, daí que os piores xingamentos atribuídos tenham caráter de atividade, tais como “puta”, “galinha”, “piranha” e equivalentes. Já na esfera privada, esses xingamentos são não apenas excitantes, mas em muitos casos desejáveis (a própria mulher pede para ser xingada)! Há contos onde a própria personagem solicita a seu parceiro “vem mamar nessa vaquinha, vem!”. O número de leituras e votos é ainda mais revelador: muitos passam de um milhão de leitores![2]

Nos homens, como vimos, o desejável seria um comportamento sexual ativo, daí que os xingamentos vistos como piores sejam “viadinho”, “boiola”, “corno”, etc. Xingamentos que apontam para uma experiência de passivização do sujeito. Esses xingamentos apareceram em alguns contos, mas com relativa raridade! Sobretudo se comparado à presença dos xingamentos femininos.

Segundo Stoller (1988), o desejo de humilhar é um tema essencial no erotismo humano, seja praticado, ou seja apenas fantasiado. Ele implica uma transgressão e uma vivência cujo sentido subjetivo é essencialmente o de se “estar pecando”, ou transgredindo. Chama-nos assim a atenção o papel que os xingamentos podem exercer na vida privada, erótica, das pessoas, tanto daquele que

xinga, quanto daquele ou daquela que é xingada (para Stoller, a perversão seria a necessidade desse roteiro, sob pena da excitação não ocorrer). Para nós, basta que o xingamento tenha a potencialidade desse caráter de provocar excitação sexual, apontando para uma transgressão daquilo que é prescrito pela regra da economia libidinal da sociedade da qual o sujeito faz parte.

Em suma, podemos afirmar que os xingamentos, como sintoma, apontam para o modo de organização de uma sociedade, um modo de funcionamento da economia libidinal que diferencia papéis e prescreve comportamentos, atribuindo-os aos diferentes sexos, e naturalizando as relações de gênero: “O patriarcado é, em seu conjunto, um sistema de dominação (...). No patriarcado, o gênero denota uma estrutura de poder político, disfarçada em sistema de diferença natural”(Dimen, 1997: 46). Ao mesmo tempo, constituem-se na microfísica do poder, que executa e assegura esse próprio regramento, ao possuírem o poder de ferir e de apontar aos sujeitos do espaço público, justamente o que deles é esperado. É este sujeito “adestrado” (ou já constituído) que em sua vida sexual, privada, íntima, transgride essa interdição, ainda que apenas no plano do imaginário (roteiro imaginário de Stoller). Sua suposta liberdade, na intimidade, não é assim inovação, mas, ainda que não o saiba, repetição do mesmo.

Referências bibliográficas

- ARANGO, A.C. *Os palavrões- Virtudes terapêuticas da obscenidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer- Palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BORDO, S.. “O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault”. Em Jaggar, A.M. & Bordo, S.R. (Orgs). *Gênero, corpo, conhecimento*. Pp 19-41. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos temos, 1997.
- DIMEN, M.. “Poder, sexualidade e intimidade”. Em Jaggar, A.M. & Bordo, S.R. (Orgs). *Gênero, corpo, conhecimento*. pp. 42-61. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos temos, 1997.
- FREGE, G. *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Cultrix/USP, 1978.
- FREUD, S. “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). ESB. Vol. VII. Pp. 177-237. Rio de Janeiro Imago, 1974.
- HOUAISS, A.& VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- STOLLER, R. J. *Observando a imaginação erótica*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- ZANELLO, V. “O amor (e a mulher): uma conversa (im)possível entre Clarice Lispector e Sartre”. *Revista Estudos Feministas*, 15(3): 531-538, 2007, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.

¹ Usamos aqui a diferença entre sentido e referência, tais como trabalhados por Frege.

[1] Pesquisa realizada juntamente com a aluna Tatiana Gomes, e apresentada no Congresso Feminista, em Lisboa, no mês de junho de 2008.

[2] Em breve, publicaremos um artigo sobre esses dados. Compõem o grupo, além de mim, os alunos Bruna Bukowitz e Gustavo Sousa.